

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA
Curso de Licenciatura em Antropologia

Apropriando a rua: interacção e dinâmicas de ocupação de espaço entre os “moradores de rua”
nas ruas da baixa da cidade de Maputo

Autora:

Matilde Francisco Dimande

Orientador:

Euclides Gonçalves

Maputo, Abril de 2013

Apropriando a rua: interacção e dinâmicas de ocupação de espaço entre os “moradores de rua”
nas ruas da baixa da cidade de Maputo

Projecto de pesquisa apresentado em cumprimento dos requisitos parciais para a obtenção do
grau de graduação em Antropologia pela Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade
Eduardo Mondlane

Candidata

Matilde Francisco Dimande

Júri

Orientador

Presidente

Oponente

Data

Índice

Declaração	ii
Resumo.....	iii
Agradecimentos.....	iv
Dedicatória.....	0
1.Introdução	1
2. Revisão de literatura.....	5
3.Método de análise.....	11
3.1. Abordagem	11
Conceitos sistémicos.....	11
3.2. Método de recolha de dados.....	12
3.3. Constrangimentos	13
4. Área de estudo e trajectórias de “moradores de rua” nas ruas da baixa de cidade de Maputo.....	14
4.1. Apropriação dos lugares de residência e de realização de actividades.....	14
4.2. Descrição da maneira de vestir dos “moradores de rua” e actividades realizadas ...	18
4.3. Interação de “moradores de rua” entre eles.....	20
4.4. Interação de “moradores de rua” com os não moradores de rua.....	23
5. Considerações finais.....	27
Referências bibliográficas	28
Anexos	31

Declaração

Declaro por minha honra, que este relatório de pesquisa é original. O mesmo é fruto da minha investigação, estando indicadas ao longo do trabalho e nas referências as fontes de informação por mim utilizadas para a sua elaboração. Declaro ainda, que o presente trabalho nunca foi apresentado, na íntegra ou parcialmente, para a obtenção de qualquer grau acadêmico.

Matilde Francisco Dimande

Data: Abril de 2013

Resumo

O presente trabalho analisa a interacção e as dinâmicas de ocupação de espaço entre os “moradores de rua” nas ruas da baixa da cidade de Maputo.

O estudo baseou-se na recolha dos dados na zona baixa da cidade de Maputo, onde dediquei-me a observar a forma como os “moradores de rua” comportam-se, quando relacionam-se entre eles e com os não moradores de rua, a maneira de vestir, as actividades realizadas e a forma como os “moradores de rua” relacionam-se com o espaço de realização de actividades e de residência.

Este estudo é orientado por duas perspectivas: uma que olha para os “moradores de rua” enquanto pertencentes a grupos sociais e considera-os como seres homogéneos. E a outra olha para os “moradores de rua” como um grupo heterogéneo e com códigos próprios.

Os resultados deste estudo permitem ver, que é problemático olhar para os “moradores de rua” como seres desprovidos de interacção, porque eles relacionam-se entre eles e com os não moradores de rua, que encontram-se ao seu redor. O relacionamento dos “moradores de rua” entre eles varia de acordo com a idade, a afinidade, os lugares de proveniência e de residência na baixa da cidade de Maputo. O relacionamento deles com os não moradores de rua varia consoante o carácter subjectivo de cada “morador de rua”, a forma como os outros abordam-lhes, o tempo de estadia na rua e a afinidade existente entre eles e os outros. É também problemático olhar para eles como grupos homogéneos, porque existe diversidade no que concerne a maneira de vestir, as actividades realizadas e ao comportamento. E existem diversidades dos lugares de residência, porque há os que residem em lugares fechados como “*Escuro*” e os que residem em lugares abertos como “*Novene*”, ambos olham para esses lugares como suas casas. Dai que é problemático chamarmos-lhes por “moradores de rua”, porque eles têm casas e estão na rua de passagem ou desenvolvendo alguma actividade.

Palavras-chave: “moradores de rua”, rua, espaço e interacção social.

Agradecimentos

Os meus agradecimentos no geral vão para todos os docentes do Departamento de Arqueologia e Antropologia (DAA), pela paciência que tiveram em ensinar-me o curso de Antropologia. Em especial vão para o dr. Euclides Gonçalves e para a dr. Xénia Carvalho pela orientação e elaboração do projecto e por terem me ensinado a cadeira de Seminário de investigação, porque aprendi os procedimentos que devia seguir para a elaboração do projecto. Ainda ao dr. Euclides Gonçalves agradeço pela paciência, apoio e dedicação.

Agradeço a turma de Antropologia 2009, por terem sido meus companheiros durante o curso. Em especial agradeço ao grupo das saborosas: Carla Alberto (afaste magricela), Osvaldo Matlava (primitivo), Guilherme Guiamba (pai), Catarina Mavila (boneca eléctrica), Octávio Saene (pipito), Edélto Amaral (primata superior) e Natalina Zacarias (primata superiora), pelas discussões e críticas produtivas.

Endereço igualmente, ao dr. Nelson Mugabe e ao dr. Félix Tivane pelos comentários e sugestões, que fizeram ao trabalho.

Os agradecimentos especiais vão para a minha mãe Celeste Cherinda, por ter incutido em mim ainda em tenra idade a relevância da escola e por ter feito de tudo para que não me faltasse material escolar.

Às minhas irmãs Salva, Arcélia e Nárcia pelo apoio moral e material, porque serviram de exemplo para que eu não desistisse da escola. Ao meu tio Arménio Cherinda por ter financiando o material para a preparação dos exames de admissão e vão para a minha tia Elizabeth Cherinda.

Dedicatória

À minha mãe Celeste Benjamim Cherinda pelo apoio incondicional na minha formação acadêmica.

1.Introdução

O trabalho tem como tema: Apropriando a rua: interação e dinâmicas de ocupação de espaço entre os “moradores de rua” nas ruas da baixa da cidade de Maputo.

Os “moradores de rua” são estigmatizados pela sociedade, porque considera-nos como seres “anormais”, que desrespeitam as normas sociais (Goffman 2004). A mesma ideia é comungada por Rodrigues, porque enuncia que os “moradores de rua” são excluídos pela sociedade, pois a sociedade olha para eles como seres isolados e marginais, que são incapazes de relacionarem-se com os outros (1992).

A maneira de ver destas instituições sociais e da sociedade faz com que “os moradores de rua” sejam desvalorizados pelos não moradores de rua e impede de olhar-se para cada “morador de rua” como um ser subjectivo.

Por a Antropologia ter como tarefa tornar visível aquilo que aos olhos da sociedade aparece como invisível, ou seja, exotizar o familiar e tornar o exótico em familiar (Velho 1981), vi que era relevante analisar a interação e as dinâmicas de ocupação de espaço entre os “moradores de rua” nas ruas da baixa da cidade de Maputo.

Para a Antropologia todos os grupos humanos são seres interactivos. Apenas existe diversidade de interação, porque os indivíduos comportam-se e organizam-se de acordo com os sistemas simbólicos da cultura onde encontram-se inseridos (Benedith1986e geertz1989).

No que concerne aos “moradores de rua” em particular Cohn, mostra que os “moradores de rua” são seres activos, que estabelecem relações sociais com os outros actores sociais em todos os lugares onde se encontram e constroem a sua própria identidade, porque possuem códigos próprios e obedecem regras (2005).

Na mesma linha de pensamento encontrei Rosa, porque enuncia que “os “moradores de rua” são seres interactivos, mas apresentam-se perante a sociedade de acordo com a forma como a

sociedade julga-os, como internalizam valores, desenvolvem relações e modos de vida próprios” (2005: 107).

A pesquisa exploratória também comprovou o mesmo, pois constatei que os “moradores de rua” da baixa da cidade de Maputo nos lugares onde encontram-se interagem entre si e com os outros, que encontram-se ao seu redor e têm lugares definidos de realização de actividades e de residência.

Assim considerando, como objectivo geral o presente estudo visa analisar a interacção e as dinâmicas de ocupação de espaço entre os “moradores de rua” nas ruas da baixa da cidade de Maputo. Os objectivos específicos são os seguintes: Descrever a maneira de vestir dos “moradores de rua” e as actividades realizadas. Analisar os lugares de realização de actividades e de residência dos “moradores de rua”. Descrever o relacionamento dos “moradores de rua” entre eles e com os não moradores de rua, que encontram-se ao seu redor.

Este estudo é orientado por duas perspectivas, que consideram os “moradores de rua” como seres interactivos. A primeira perspectiva olha para os “moradores de rua” como elementos pertencentes a grupos sociais, por isso considera-nos como seres homogéneos. A segunda perspectiva olha para os “moradores de rua” como grupos heterogéneos, que possuem códigos próprios, porque considera que entre eles há diversidades que estão ligadas a maneira de vestir, as actividades realizadas e ao comportamento.

Na rua não existem moradores que vivem sozinhos, porque formam entre eles grupos de solidariedade e de fidelidade, que devem ser cumpridos por todos como forma de garantir a admissão no grupo. Nos grupos usam-se códigos e linguagens próprias, que só são percebidos por aqueles que fazem parte dos grupos (Asciutti e Kishimoto 2002 e Cesne 1990).

Rivotti também compartilha a mesma ideia, porque discute que “na rua pequenos grupos vivem compartilhando espaços, criam laços de entre ajuda, mantêm relações funcionais e de afinidades duradouras. Por isso dividem entre eles a alimentação, tratam-se como amigos e como irmãos de

coração, pois mesmo após o regresso de alguns às suas casas continuam se relacionando” (2007: 10).

O estudo destes autores é limitado, porque só importaram-se em analisar os “moradores de rua”, enquanto pertencentes a grupos sociais, pois deixaram de fora o carácter subjectivo de cada morador de rua.

Para contrariar esta perspectiva revejo a perspectiva de Silva, porque olha para os “moradores de rua” como seres heterogéneos. Uma vez que considera que entre eles há diversidades no que concerne a maneira de vestir, ao comportamento, e a forma como relacionam-se com os outros. No que concerne a maneira de vestir existe um grupo de “moradores de rua” que apresentam-se de roupas “limpas” e da moda. E outro grupo de “moradores de rua” que apresentam-se de roupas “sujas”. Quanto ao comportamento mostra que cada grupo tem sua forma de cumprimentar-se e que alguns moradores de rua manipulam a identidade de acordo com os seus interesses (1998).

É esta perspectiva que adoptei para a realização do meu estudo, porque centro as minhas atenções na maneira de vestir, nas actividades realizadas pelos “moradores de rua”, no relacionamento dos “moradores de rua” entre eles e com os não moradores de rua.

Mas o meu estudo vai além dos estudos da Silva (1998), porque analiso também as dinâmicas de ocupação de espaço dos “moradores de rua”.

O que fez-me procurar analisar a interacção deles com o espaço é o facto de Dantas e Sá, considerar que a vida e a morte dos indivíduos estão relacionadas ao ambiente físico, que inclui os ambientes construídos e os ambientes naturais(2005).

A mesma ideia é comungada por Araújo, que considera que “o Homem usa um determinado território e nele produz um espaço onde reside, relaciona-se, produz e reproduz, tendo em conta as actividades que exerce, por isso os elementos dos grupos fazem surgir um espaço com características, que o individualizam e com o qual o grupo identifica-se” (1998: 162-164).

Razão pela qual Cardoso, enuncia que o espaço é uma base de sentido para os que nele vivem, porque é nele que criam a sua identidade e estabelecem as suas relações, criando assim a sua própria cultura (1998).

Esta pesquisa foi realizada na zona baixa da cidade de Maputo que é parte do bairro Central B. O trabalho de campo concentrou-se em lugares muito procurados pelos “moradores de rua”, nomeadamente: nas avenidas 25 de Setembro, Karl Marx, Filipe Samuel Magaia, arredores do Mercado Central, em frente ao Millennium BIM da avenida 25 de Setembro, avenida Samora Machel perto de Café continental e da Praça 25 de Junho e nos arredores do Centro Comercial Maputo Shopping, que são os lugares de realização de actividades. E realizou-se no *Escuro*, *Mugorodotswine* e *Tobias*, que são os lugares de residência dos “moradores de rua”.

O presente estudo está organizado em seis capítulos: neste primeiro capítulo introduzi o contexto, o problema de investigação, os objectivos e a área de estudo. No segundo capítulo revejo a literaturasobre a forma como os “moradores de rua” organizam-se, comportam-se ao relacionarem-se entre eles e com os não moradores de rua, a maneira de vestir, as actividades realizadas, os lugares onde se encontram e sobre o que a rua representa para eles. No terceiro capítulo apresento o método de análise: o método de abordagem, os conceitos sistémicos, as técnicas de recolha de dados e discuto os constrangimentos encontrados no processo. O quarto capítulo dedica-se aos resultados da pesquisa e descreve a área de estudo e as trajectórias de “moradores de rua”nas ruas da baixa da cidade de Maputo, está dividido em 4 secções: a primeira secção analisa a apropriaçãodos lugares de residência e de realização de actividades, a segunda secção descreve a maneira de vestir e as actividades realizadas, a terceira secção descreve a interacção dos “moradores de rua” entre eles e a quarta e ultima secção descreve a interacção dos “moradores de rua”com os não moradores de rua. No quinto e último capítulo apresento as considerações finais do trabalho.

2. Revisão de literatura

A revisão de literatura está organizada em duas partes: na primeira parte discuto os autores que olham para os “moradores de rua” como elementos pertencentes a grupos sociais, porque falam da sua organização social dentro dos grupos, onde mostram que eles possuem códigos de identificação próprios e falam dos lugares onde se encontram. Na segunda e última parte discuto os autores que olham para os “moradores de rua” como seres heterogêneos, porque consideram o carácter subjectivo de cada “morador de rua”, no que concerne a maneira de vestir, ao comportamento e a representação da rua e enunciam que a representação social dos “moradores de rua” varia de acordo com o contexto de socialização.

Asciutti e Kishimoto (2002), no seu estudo discutem as crianças de rua de São Paulo, falam dos lugares onde se encontram, das actividades que exercem e da sua organização social.

“As crianças de rua” de São Paulo encontram-se concentradas nos centros regionais de comércio intenso a exercer as seguintes actividades: o pedido de dinheiro, a procurar restos de alimentos, a vender produtos e a roubar, por isso a rua é para elas um espaço de luta pela vida e de habitação” (Asciutti e Kishimoto 2002: 194).

“Elas vivem em grupos, onde forma-se códigos de sobrevivência, que só os iniciados conhecem e respondem na hora do perigo. Para ingressar no grupo é imperioso conquistar o espaço actuando em favor do grupo e expondo-se da mesma forma aos perigos. O grupo devolve-lhes o sentimento de inclusão e de pertencimento, porque exclui a sensação de abandono e solidão. No seio dos grupos existem leis, que consistem na vingança, esperteza, protecção aos mais fracos: mulheres e crianças; obediência aos líderes: mais forte, mais corajoso, mais esperto e vencedor” (idem:203-204).

Cesne por sua vez na sua obra discute as “crianças de rua” de Moçambique, onde dedicou-se a falar da maneira de vestir e do comportamento, os lugares que ocupam quando realizam as actividades e a forma como se relacionam entre elas e com os não moradores de rua.

Para Cesne, “as crianças de rua” de Moçambique são crianças “magras”, “sujas”, abandonadas e agressivas, que provêm de famílias pobres. Elas encontram-se nos passeios, nas lojas e nos parques de estacionamento a pedirem dinheiro, a lavarem carros e a roubarem. Andam sempre em grupos, onde comunicam-se através de um código, que oferece-lhes a garantia e a protecção, porque no seio dos grupos há solidariedade entre os membros, por isso denunciar um membro do grupo constitui perigo de morte. Quando relacionam-se com os não moradores de rua inventam mentiras para sensibilizar os outros a oferecerem-lhes ajuda (1990).

Rivotti (2007), no seu estudo aborda os “moradores de rua” de Portugal, discute a forma como os “moradores de rua” são vistos pelos não moradores de rua, as suas dinâmicas de ocupação de espaço e a sua organização social.

De acordo com Rivotti, “os “moradores de rua” de Portugal são vistos pelos não moradores de rua como seres que causam doenças, que incomodam e como seres “sujos”, porque trazem consigo lixo. Eles formam pequenos grupos de partilha de espaço e criam laços de entre ajuda, mantêm relações funcionais duradouros, conhecem-se de anos, partilham a comida, roupa, constituem-se como grupo de protecção, amigos e irmãos de coração, porque após o regresso de alguns às suas casas continuam se relacionando” (2007: 10).

A vida na rua faz com que eles aprendam a gerir os horários das carrinhas, que trazem alimentos, roupas e que aprendam a controlar a intervenção das autoridades e dos serviços municipais. Por a rua ser um lugar público durante o dia circulam de um lado para o outro pela cidade, porque só podem descansar de noite, pois nesta hora há pouco movimento de pessoas, o que faz com que eles abriguem-se nas lojas, nos bancos, nos passeios e nas igrejas, onde fazem suas camas. Levantam-se de madrugada antes de haver o movimento das pessoas para que não se apercebam da sua presença nocturna (idem).

Na mesma linha do pensamento quanto ao período de descanso dos “moradores de rua”, encontrei Sixpence, que fez o estudo na cidade de Maputo. Enuncia que as “as crianças de rua”, por terem o espaço público como residência só descansam a noite, porque apropriam-se dos

lugares que durante o dia são bancas dos vendedores, das escadas das lojas, por isso são obrigadas a levantarem muito cedo antes da chegada dos proprietários (2010).

As “crianças de rua” da cidade de Maputo, durante o dia encontram-se nos arredores de Ponto Final nos semáforos a pedirem dinheiro aos automobilistas, a fazerem a lavagem dos carros e no mercado Estrela Vermelha a fazerem o carregamento de sacos dos vendedores e dos plásticos dos compradores (Sixpence 2010).

Sixpence aborda também a forma como as “crianças de rua” interagem entre elas e com os não moradores de rua. No que concerne ao relacionamento entre elas enuncia que consideram-se amigas e como iguais, por isso fazem de tudo para protegerem-se dos outros. Elas andam sempre em grupos e são solidárias umas para com as outras. Quanto ao relacionamento delas com os outros, afirma que os outros têm os estigmatizados e chamam-nas de molwenes, tem medo delas e distanciam-se delas. Apesar de existir alguns em menor número, que simpatizam com elas. A título de exemplo: alguns pastores de igrejas e cobradores de chapas, que brincam com elas (2010).

Os estudos de Ascitti e Kishimoto (2002), Cesne (1990) e Rivotti (2007), são importantes porque mostram que “os moradores de rua” na sua forma de organização social obedecem a certas normas, que garantem a manutenção da ordem. Os estudos de Rivotti (2007) e Sixpence (2010), são ainda importantes porque mostram que “os moradores de rua” na rua têm uma liberdade limitada pelo facto da rua ser um lugar público, a título de exemplo: os que tomam a rua como espaço de residência só podem descansar de noite. Os estudos de Sixpence mostram também as dificuldades que os “moradores de rua” enfrentam na rua ao interagirem com os não moradores de rua.

A limitação dos estudos de Ascitti e Kishimoto (2002), Cesne (1990) e Rivotti (2007), deve-se ao facto de olharem para os “moradores de rua” como seres que têm características homogêneas. Os estudos de Cesne (1990) são ainda limitados por olhar para todos os “moradores de rua” como seres que vestem-se de roupas “sujas” e que comportam-se mal, pois ao proceder desta maneira exclui alguns moradores de rua que apresentam-se de forma diferente. A limitação dos

estudos de Sixpence (2010), deve-se ao facto deste considerar a existência do estigma apenas na interação dos “moradores de rua” com os não moradores de rua. Isto é questionável, porque parto de princípio que o estigma pode também existir no grupo dos “moradores de rua”.

Goffman também afirma o mesmo, pois considera que o estigma pode se verificar também no grupo de pessoas, que aparentemente são consideradas como iguais (2004).

Contrapondo a literatura supracitada revejo a literatura dos autores que consideram os “moradores de rua” como seres heterogêneos, porque abordam a subjectividade dos “moradores de rua”. É o caso de Silva (1998) e Shaw (2002).

Silva (1998), fez um estudo comparativo entre os “moradores de rua” de Santa Fé (capital do novo México) e de Florianópolis (capital turística localizada no sul do Brasil), onde centrou as suas atenções na maneira de vestir, de andar, de cumprimentar dos “moradores de rua” e do seu relacionamento com os não moradores de rua, mostrando que os mesmos variam de acordo com o contexto e com a subjectividade de cada morador de rua. Eis os exemplos que sustentam isso:

Em Santa Fé uma parte de “moradores de rua” vestiam-se de roupas da moda de mesmo estilo, carregavam celulares, tinham carros e e-mail, exibiam uma estética corporal própria e tinham uma forma só deles de cumprimentarem-se. A outra parte de “moradores de rua” vestiam-se de roupas rasgadas, cabelos despenteados, calças e blusas grandes, tinham um andar diferente, que distinguia-os dos outros grupos. Trabalhavam e vendiam drogas dos traficantes para conseguir garantir a sua subsistência (Silva 1998).

Em Florianópolis os “moradores de rua” não vestiam-se de roupas da moda, tinham uma estatura física reduzida. A idade aproximada deles era denunciada pelos pêlos no peito, no rosto e nas pernas. Cada menino tinha a sua própria subjectividade, mas criavam entre eles redes de apoio e com alguns vendedores, amigos e parentes. Formavam entre eles grupos específicos com os quais identificavam-se, dormiam juntos para protegerem-se de polícias e de grupos rivais e mantinham as relações de parentesco e de solidariedade. Quando relacionavam-se com estranhos

com o objectivo de conquistar a sua simpatia, alguns comportavam-se com gentileza e mudavam o seu estilo de andar (Silva 1998).

É por isso que Goffman, enuncia que os indivíduos têm manipulado a identidade, quando estão em interacção uns com os outros, principalmente quando estão na presença de pessoas estranhas, porque são capazes de moldar e modificar as suas acções (2002).

Shaw (2002), por sua vez abordou os “meninos de rua” da América Latina, de Bogotá e da Colômbia, onde dedicou-se a falar do carácter subjectivo de cada “menino de rua” do que a rua representa para eles, da maneira de vestir e dos lugares onde se encontram.

Para Shaw, cada “menino de rua” é uma pessoa individual, com desejos e necessidades particulares. Dai que a representação da rua para os “meninos de rua” varia de “morador de rua” a “morador de rua”, e é influenciada pelo contexto de socialização (2002).

Os “meninos de rua” da Colômbia vão a rua a procura de aventuras e liberdade, portanto são sujeitos e protagonistas das suas próprias vidas. Na América Latina uma parte de “meninos de rua” encara a rua como espaço de realização de actividades, tais como o pedido de dinheiro e comida que lhes garantem a sua subsistência diária. A outra parte de “meninos de rua” vão a rua a procura de segurança, de amor e de um sentido de vida, por isso encaram a rua como um substituto de casa (idem).

Shaw aborda ainda os lugares onde os “meninos de rua” no geral se encontram e fala da representação da rua para eles. Os “meninos de rua” circulam mais nas ruas dos centros urbanos, ao longo dos mercados, das avenidas comerciais, aos locais turísticos e aos centros comerciais, porque há “ricos”, que dão dinheiro, roupa e comida, que são conseguidos através da invenção de narrativas emocionais e espirituais, algumas verdadeiras e outras inventadas. A maioria dos “meninos de rua” encaram a rua como um espaço de diversão, porque é onde encontram amigos, a admiração social e se sentem reconhecidos, e como um espaço social porque é na rua onde se socializam com os mais crescidos (idem).

O estudo destes autores ajuda-me a olhar para os “moradores de rua” como seres subjectivos, porque mostram que apesar dos “moradores de rua” terem em comum o facto de serem chamados “moradores de rua” existem diversidades entre eles, que estão ligados a maneira de vestir, ao modo de comportamento e ao que a rua representa para eles, e mostram que a representação social dos “moradores de rua” varia de acordo com o contexto de socialização dos mesmos. Mostram também que na rua existem “moradores de rua”, que provém de famílias “ricas”, por isso é problemático olhar para todos os “moradores de rua” como seres “pobres”. Bem como mostram-nos que alguns “moradores de rua” nas suas relações com os não moradores de rua manipulam a identidade em função dos seus interesses.

3.Método de análise

3.1. Abordagem

No estudo adoptei a abordagem de Shaw (2002) e Silva (1998), porque abordam os “moradores de rua” como seres heterogéneos, pois consideram que entre eles existem diversidades da maneira de vestir, de cumprimentar e da forma como eles olham para a rua.

Conceitos sistémicos

No trabalho defini os conceitos de “moradores de rua”, espaço de interacção social.

O conceito de “moradores de rua” designa o modo de vida completo na rua, porque os “moradores de rua” têm a rua como um espaço de realização de actividades, de residência e de criação de identidade (Asciutti e Kishimoto 2002, Cohn 2005 e Mauluquela 2005).

No trabalho o conceito de “moradores de rua” designa todos aqueles que tomam como residência os lugares ilegais, que localizam-se no centro da cidade, tais como: prédio arruinado: *Escuro*, lojas abandonadas: *Mugorodotswine*, casa abandonada: *Tobias*, espaços expostos ao ar livre: *Barreiras* e *Novene*, e têm a rua como um espaço de realização de actividades, de divertimento e de construção de identidade.

O conceito de interacção social tem a ver com a forma como os indivíduos comportam-se, quando estão numa interacção face a face, numa interacção indirecta e está também ligada as acções exercidas pelos indivíduos, que estão ligadas ao comportamento, a maneira de vestir e as actividades realizadas (Goffman 2002, Nova 1989, Turner 1999).

No trabalho usei o conceito de interacção social para observar a forma como os “moradores de rua” relacionam-se entre eles e com os não moradores de rua, e o seu relacionamento com o

espaço de residência e de realização de actividades. Para observar a apresentação física dos moradores de rua, no que concerne ao seu vestuário, penteados na cabeça e as actividades que realizam e a forma como realizam.

O conceito de espaço designa os lugares que os indivíduos apropriam-se deles para residir e para realizar as suas actividades, tais lugares são de construção de identidade, porque é nele onde os indivíduos estabelecem as suas relações sociais (Araújo 1998 e Cardoso 1998).

O espaço é para os “moradores de rua” da baixa da cidade de Maputo o lugar de realização de actividades, de residência e de construção de identidade, porque é nele onde estabelecem as suas relações sociais entre eles e com os não moradores de rua e é um espaço de divertimento, porque eles encontram-se em grupo a jogar a bola, a brincar de lutar e é um espaço de desafio, porque enfrentam a perseguição de polícias.

3.2. Método de recolha de dados

Para a realização de trabalho usei três métodos de procedimento: a primeira fase que é a de revisão de literatura, a segunda fase, que é a da recolha de dados na zona baixa da cidade de Maputo e a última fase que é a de análise dos dados, recolhidos na zona baixa da Cidade de Maputo.

Na fase da revisão de literatura fiz a recolha das obras e das dissertações etnográficas, que falam dos “moradores de rua”, do espaço e das que falam dos métodos de estudo.

A fase da pesquisa exploratória consistiu na recolha dos dados na zona baixa da cidade de Maputo. Onde recorreu-se as seguintes técnicas de recolha de dados: a observação directa, as entrevistas semi-estruturadas e as conversas informais.

A observação directa consistiu na observação da forma como os “moradores de rua” apresentam-se fisicamente, bem como a forma como comportam-se ao relacionarem-se entre eles e com os

não moradores de rua. Observei lugares onde os “moradores de rua” exercem as suas actividades, a forma como exercem e os seus lugares de residência.

As entrevistas semi-estruturadas foram feitas de acordo com o meu guião de entrevistas ao interagir com os “moradores de rua”.

As conversas informais decorreram mais de uma vez com os mesmos indivíduos, porque Goffman, enuncia que os observadores devem entrar em interacção com os indivíduos mais de uma vez, porque há medida que a interacção progride ocorrem acréscimos e modificações no estado inicial de informações (2002).

A última fase compreendeu à análise dos dados recolhidos na zona baixa da cidade de Maputo, onde fiz a selecção da informação, que considerei relevante e fiz a interpretação dos resultados combinando com a literatura.

3.3. Constrangimentos

No processo de recolha de dados perdi o contacto de alguns informantes e tive dificuldades para aceder a alguns lugares de residênciados “moradores de rua”. António, um informante que interagi com ele duas vezes e não encontrei-lhe mais. Samuel de 12 anos de idade, informante chave encontrei-me com ele mais de duas vezes e teve de regressar a casa da sua família. E perdi o contacto com João de 11 anos de idade, que regressou a casa da sua família.

Não tive o acesso à entrada em alguns lugares de residência dos “moradores de rua”, tais como: *Tobias, Novene e Barreiras*. Não tendo acesso ao *Tobias* observei recorrendo a um dos buracos. Terminei o trabalho de campo quando negociava o acesso à *Barreiras* e ao *Novene*.

4. Área de estudo e trajectórias de “moradores de rua” nas ruas da baixa de cidade de Maputo

O presente capítulo está organizado em quatro secções. Na primeira secção analiso a apropriação dos lugares de residência e de realização de actividades, na segunda secção descrevo a maneira de vestir e as actividades realizadas, na terceira secção a interacção de “moradores de rua” entre eles e na quarta e última secção a interacção dos “moradores de rua” com os não moradores de rua.

4.1. Apropriação dos lugares de residência e de realização de actividades

Na apropriação dos lugares de residência mostro que é problemático chamar a todos os ditos “moradores de rua” por “moradores de rua”, porque nem todos apropriam-se de lugares expostos ao ar livre para residir e mesmo os que apropriam-se destes constroem as suas habitações e consideram-nos como casas. A maior parte dos “moradores de rua” optam por apropriar-se de lugares fechados, como exemplo destes lugares temos: *Escuro*, *Tobias* e *Mugorodotwine*. Como exemplos de lugares expostos ao ar livre temos: *Barreiras* e *Novene*.

O *Escuro* é um prédio que está em degradação e não tem iluminação. Localiza-se na esquina entre as avenidas 25 de Setembro e Samora Machel. Está dividido em duas partes: *Escuro 1* e *Escuro 2*. O *Escuro 1* está na avenida Samora Machel e o *Escuro 2* está na avenida 25 de Setembro. No *Escuro* existem divisões que os “moradores de rua” chamam-nos por quartos.

Tobias é uma casa abandonada, sem cobertura, janelas e sem portão e existem subdivisões, tais como: quartos e sala. Localiza-se na avenida Karl Marx, perto da FashionWourld da baixa da cidade de Maputo.

MugorodoTwine localiza-se na avenida 25 de Setembro ao lado do *Escuro 2*. É um edifício fechado, que funcionava como loja de chinês. Foi alvo de queimadas, depois das queimadas o dono não reabilitou e passou a ser um espaço de residência dos “moradores de rua”.

Barreiras localiza-se no museu perto de Hotel Cardoso e do jardim dos professores.

Novene (mato) localiza-se na baixa da cidade de Maputo atrás das instalações da VODACOM.

A apropriação dos lugares de residência é feita consoante as particularidades de cada morador de rua e é influenciada pela idade, a afinidade existente entre os “moradores de rua” e pelos lugares de proveniência, no que concerne ao *Escuro* e ao *Novene*.

O *Escuro* é mais habitado, porque tem aproximadamente, 40 “moradores de rua”. É mais recorrido por “moradores de rua” que provêm da periferia da cidade de Maputo, porque consideram-se como meninos da cidade, é o caso de TuPack e Julinho. Felisberto por sua vez optou por este lugar, porque está no centro da cidade e tem o seu quarto individual com cobertura em cima e está bem distante da confusão dos outros “moradores de rua”.

Em contrapartida *Novene* é mais recorrido por “moradores de rua”, que provêm das outras províncias, a título de exemplo: Gaza, porque não estão habituados a residir em ambientes movimentados. Para os “moradores de rua” que provêm da periferia da cidade de Maputo, *Novene* funciona como um espaço de refúgio, porque recorrem-no quando estão em conflitos com a polícia. Exemplo de “moradores de rua” que recorrem ao *Novene* como refúgio: João e Hélder ambos de 11 anos de idade.

As *Barreiras* são recorridas por “moradores de rua” que gostam de residir num ambiente calmo, pois aqui se encontram distantes de “moradores de rua” confusos e distantes da perseguição da polícia, que não ousa chegar por ser um lugar repleto de pedras e garrafas. Exemplo que sustenta isso:

“Sabemana existem muitos lugares, que podia viver neles aqui na baixa, mas prefiro viver aqui nas barreiras, porque a policia não vem, porque tem medo de estragar as suas botas com as garrafas e pedras. E aqui não há molwenes vivem poucas pessoas e somos todos amigos” (António de 13 anos de idade).

No *MugorodoTswine* residem “moradores de rua” que têm idades compreendidas entre os 11 e 14 anos de idade, a opção por este lugar deve-se ao facto de residirem em bons espaços e encontrarem-se distante dos “moradores de rua” mais velhos, que costumam violenta-los. Ao contrário do *Escuro* porque os melhores lugares são apropriados pelos moradores de rua com idades compreendidas entre os 15 e 25 anos de idade, os péssimos que antes eram casas de banho são apropriados por “moradores de rua” que têm idades compreendidas entre os 11 e 14 anos de idade. A título de exemplo: Gaspar e Hélder ambos de 11 anos de idade.

De todos os lugares de residência de “moradores de rua”, o *Tobias* é o menos habitado, vivem apenas 4 “moradores de rua”. Isto deve-se ao facto de ser muito recorrido pela polícia e por não ter cobertura. Exemplos que sustentam isso:

“Aqui no Tobias só vivo eu e o meu namorado Samuel, Ângelo e a sua namorada Avozinha. Mas antes viviam muitas pessoas, saíram daqui por causa da policia, que aparece sempre a procura de coisas roubados” (Catarina de 16 anos de idade).

“Tobias para mim é o lugar mais soft mas tive que sair de lá, porque não tem cobertura. Quando chove as nossas coisas molham e se estragam” (Arsénio de 23 anos de idade).

A justificativa dos “moradores de rua” no que concerne a escolha dos lugares de residência cruza-se com os argumentos de Araújo, porque enuncia que “os elementos de um determinado grupo fazem surgir um espaço com características que o individualizam e com o qual o grupo se identifica, Portanto o espaço é produto de identidade do grupo e este identifica-se com o espaço que cria” (1998: 164).

Ao analisar os lugares de residência constatei que os moradores de rua são fixos nas suas residências e chamam-nas de casas. No caso dos moradores do *Escuro* só saem quando estão em conflitos com a polícia, enquanto os moradores de *Novene* e *Barreirassaem* para os outros lugares, quando há chuvas fortes.

É por isso que Da Matta, enuncia que “a rua pode se transformar em casa, quando os grupos sociais apropriam-se de um espaço de forma permanente acabando por considera-lo como sua casa” (1997: 55).

Na apropriação dos lugares de realização das actividades constatei que a escolha dos lugares é influenciada pelas particularidades de cada “morador de rua” e pelo tipo de actividades que realizam, mas a maior parte dos “moradores de rua” optam por realizá-las em lugares muito movimentados, tais como: mercado central, nos arredores de mercado central, em frente ao café continental, entre as avenidas 25 de Setembro, Samora Machel, na praça 25 de Junho, no centro comercial Maputo Shopping, no Museu em frente ao piri-piri e na Malanga. Eis os exemplos que sustentam isso:

“Mana gostamos de tchatelar aqui na 25 de Setembro perto da continental, porque encontramos muitas pessoas para nos darem dinheiro. Aqui aproveitamos pedir dinheiro nos que têm carros, que param nos semáforos, nos clientes de continental e as pessoas que passam daqui” (Héldere Gaspar ambos de 11 anos de idade).

Em contrapartida António de 13 anos de idade quer distância deste lugar. Eis o exemplo que sustenta isso:

“Apesar de na continental existirem muitas pessoas que dão dinheiro, prefiro tchatelar perto de Maputo Shopping e feira, porque existem poucas pessoas, que tchatelam. Enquanto na continental existem muitas pessoas que tchatelam e isso não é bom. Porque para se tchatelar tem que se dizer djabo, quando é assim o primeiro a dizer é que vai para os carros, quem demora não vai. As vezes duas pessoas dizem djabo ao mesmo tempo, quando isso acontece um deles é que vai, mas o dinheiro que dão é para os dois, metade metade (António de 13 anos de idade).

Os argumentos de António mostram que nos grupos de “moradores de rua” existem regras que devem ser cumpridas por todos como forma de manter a ordem. Pois o dizer *Djabo* (primeiro) é uma forma de evitar que mais de um “morador de rua” vá ao encontro do mesmo automobilista,

porque traria desvantagens a eles mesmos, uma vez que o automobilista ficaria atrapalhado por não saber a quem dar o dinheiro e acabaria por não dar a ninguém.

Samuel por sua vez prefere realizar as suas actividades no mercado central. Eis o exemplo que sustenta isso:

“Minha amiga eu prefiro trabalhar aqui no mercado, porque tem muito movimento e não dependo de um patrão, trabalho para os vendedores daqui do mercado, me mandam carregar as coisas que vendem e me mandam despejar o lixo nos contentores. E trabalho para as pessoas que fazem compras aqui no mercado, me mandam carregar as suas compras para os carros e me dão alguma mola” (Samuel de 12 anos de idade).

A justificativa deles no que concerne a preferência da realização de actividades na avenida 25 de Setembro e Mercado Central cruza-se com a ideia de Dantas e Sá, porque no seu estudo enuncia que nos primeiros semáforos da avenida 25 de Setembro por fazerem parte de uma zona industrial e comercial, nota-se um maior movimento de pessoas, que circulam de um lado para o outro. O mesmo movimento de pessoas verifica-se também no mercado central, porque encontra-se grande parte das pessoas dentro e fora dos carros, que deparam-se com os “moradores de rua”, que oferecem-se a estes para levar as suas compras até aos carros.

4.2. Descrição da maneira de vestir dos “moradores de rua” e actividades realizadas

Na observação da maneira de vestir dos “moradores de rua” e das actividades que realizam constatei que as mesmas são diversificadas e que são influenciadas pela idade e constatei que a maneira de vestir e as actividades realizadas por “moradores de rua” também são realizadas pelos não moradores de rua.

Os “moradores de rua” com idades compreendidas entre os 11 e 14 anos de idade vestem-se de roupas “sujas”, algumas muito grandes para o seu tamanho corporal. Cabelos “despenteados” e de diversos penteados, tais como: cristas e dreads, e andam descalços, principalmente, aquando

da realização das suas actividades, porque nas quintas-feiras de noite há diversidades, pois encontrei os que apresentam-se de roupas “limpas” com tamanho normal, trazem chinelos e sapatos nos pés. Eis o exemplo de “morador de rua” que sustenta isso:

Hélder de 11 anos de idade no momento de realização das actividades apresenta-se de roupas “sujas”, de pés descalços e de cabelo despenteado cheio de poeira. Mas nas quintas-feiras de noite a sua forma de apresentar-se é variável, na maior parte das vezes apresenta-se de roupas “limpas” e de chinelos ou sapatos nos pés.

A apresentação dos “moradores de rua” de roupas “sujas” no momento de realização das actividades cruza-se com os argumentos de Goffman, quando enuncia que a representação social dos indivíduos no que concerne a maneira de vestir na maior parte das vezes está ligada aos papéis sociais, que ocupam na sociedade (2002).

Em contrapartida os “moradores de rua” com idades compreendidas entre os 15 e 25 anos de idade vestem-se de roupas “limpas”, que combinam com o tamanho corporal. Quanto ao cabelo existe diversidade de penteados, tais como: carecas, dreads, cristas, chapéus na cabeça. Nos pés trazem calçados diversificados, tais como: chinelos, sandálias, sapatos e sapatilhas, independentemente, dos dias e da hora.

As “moradoras de rua” com idades compreendidas entre 15 e 18 anos de idade apresentam-se de roupas “limpas” e diversificadas, tais como: vestidinhos, saínhas e blusínhas. Nos pés trazem calçados diversificados, tais como: sandálias, chinelos, sapatos alguns de salto alto.

Tal como a maneira de vestir, as actividades realizadas também variam com a idade. Os “moradores de rua” com idades compreendidas entre 11 e 14 anos de idade tendem a pedir dinheiro, excepto o caso de Samuel, que carrega os produtos de venda dos vendedores e carrega os plásticos dos compradores. Enquanto para os “moradores de rua” com idades compreendidas entre os 15 e 25 anos de idade, a diversidade de actividades é maior. As actividades realizadas são: lavagem de carros, controle de estacionamento de veículos, descarregamento de materiais nos veículos, carregamento de plásticos dos compradores, venda de bebidas alcoólicas e roubo

de bens materiais, por exemplo: telemóveis, no caso dos rapazes. As raparigas praticam a prostituição.

O facto do pedido de dinheiro ser realizado apenas pelos “moradores de rua” com idades compreendidas entre os 11 e 14 anos de idade, mostra que esta actividade é considerada pelos “moradores de rua” como uma actividade de transição, especificamente de crianças. Para fundamentar a minha constatação recorro aos argumentos de Felisberto “morador de rua” há dez anos.

“Mama essas coisas de tchatelar é para crianças como Gaspar, eu já passei disso. Tchatelava quando tinha idade de malta Gaspar nos primeiros anos a viver na rua. Agora faço actividades de pessoas grandes: descarrego materiais nos camiões no Museu ali no piripiri e vendo bebidas alcoólicas na zona quente” (Fernando de 20 anos de idade).

4.3. Interacção de “moradores de rua” entre eles

A interacção de “moradores de rua” entre eles varia consoante os lugares de proveniência, de residência e de realização de actividades e depende da afinidade existente entre eles.

No que concerne aos lugares de proveniência alguns “moradores de rua”, que provêm dos arredores da cidade de Maputo estabelecem relações de amizade entre eles e estigmatizam os “moradores de rua”, que provêm das outras províncias, pois consideram-nos como seres inferiores. Eis o exemplo que sustenta isso:

“Eu não me dou bem com as pessoas que vem de Gaza, porque não temos nenhuma coisa igual, sabes. Só um tipo da cidade, me visto e ando como um tipo da cidade” (Tu Pack de 16 anos de idade).

No que concerne aos lugares de residência pude ver que os que residem no mesmo lugar têm mais privacidade entre eles, principalmente quando dividem o quarto ou quando os seus quartos

encontram-se próximos em relação aos outros apesar de conhecerem-se e estabelecer uma interação entre eles. Eis o exemplo que sustenta isso:

“Eu e o Arsénio nos damos bem, estas a ver estas panelas, fogões, essas todas coisas que tem aqui no quarto são minhas e dele e cozinhamos juntos, para entrar no quarto do Arsénio se passa do meu” (Fernando de 23 anos de idade).

Quanto a idade, constatei que os “moradores de rua com idades compreendidas entre os 11 e 14 anos de idade tendem a ficar entre eles e os que têm idades compreendidas entre os 15 e 25 anos de idade também tendem a ficar entre eles. Observei isso quando os “moradores de rua” encontram-se nos lugares onde distribuía comida de noite nas quintas-feiras. Eis os exemplos:

Após o término de distribuição da comida, os “moradores de rua com idades compreendidas entre os 11 e 14 anos de idade organizam-se em grupos de 6 a 8 “moradores de rua” e fazem um círculo enquanto comem e conversam. Fazem também o mesmo nas suas residências. Eis o exemplo que sustenta isso:

“Nós contribuimos dinheiro volta de 10 meninos para comprar coisas para comermos. As vezes compramos massa e preparamos no escuro. Mesmo os que não tiram dinheiro neste dia nós damos, porque podemos não ter também noutra dia” (Hélder de 11 anos e João de 12 anos).

Alguns “moradores de rua” ao invés de oferecerem-se a comida vendem-se. Constatei isso no Samuel de 12 anos de idade e Gaspar de 11 anos de idade. Estávamos sentados em frente ao Millennium BIM, repentinamente vi-lhes a brigar. Perguntei-lhes o que se passava, Samuel disse que Gaspar tinha levado a comida dele e que estava a negar de pagar. Gaspar disse que não havia de pagar, porque o Samuel também comia as suas coisas sem pagar. Samuel disse que estava a cobrar, porque o próprio Gaspar é que pediu para que vendesse-lhe, que em troca dar-lhe-ia cinco meticais.

Os “moradores de rua” com idades compreendidas entre os 15 e 25 anos também organizam-se em grupos para passarem as refeições, e tem nas suas residências sítios específicos onde preparam e conservam a comida.

Além de organizarem-se em grupos para comer, os moradores de rua com idades compreendidas entre 11 e 14 anos de idade organizam-se também em grupos para brincarem de jogar a bola e de lutar.

Apesar de existir esta separação, quando estão em perigo os “moradores de rua” com idades compreendidas entre os 15 e 25 anos de idade defendem os “moradores de rua” com idades compreendidas entre os 11 e 14 anos de idade. Estes só se defendem, pessoalmente na ausência dos maiores atirando pedras aos invasores.

Um dos factores que faz com que haja separação é o facto de alguns “moradores de rua” com idades compreendidas entre os 15 e 25 anos de idade violentarem os “moradores de rua” com idades compreendidas entre os 11 e 14 anos de idade.

“Mana Matilde já não vivo no Escuro agora vivo nas Barreiras, porque malta mano Ângelo, mano Arsénio nos batem e nos mandam embora do escuro. Hélder também saiu e está no escuro” (Gaspar de 11 anos de idade).

A separação dos “moradores de rua” consoante a idade cruza-se com os argumentos de Sixpence, pois enuncia que os moradores de rua mais novos tendem a distanciar-se dos mais velhos aquando da realização das actividades, porque mandam-lhes se dirigirem a algumas pessoas para pedirem esmola, depois repartem o dinheiro ou todo vai para os bolsos dos mais velhos (2010).

Além de agredirem-se uns aos outros, roubam-se também. Percebi isso na quinta-feira, dia 09 de Setembro, um dos meninos de rua trazia pasta nas costas, num gesto de brincadeiras perguntei-lhe se dali iria viajar, respondeu-me que não. Apenas trazia pasta, porque tinha coisas importantes, que se deixasse na sua residência os outros “moradores de rua” podiam roubar-lhe.

Percebi também no Samuel de 12 anos de idade, que trazia dentro das sapatilhas dinheiro. Subi disso, porque ele deixou cair uma moeda de cinco meticais, perguntou-me se não tinha visto uma moeda de cinco meticais no lugar onde estávamos a conversar, eu disse que não. Perguntei-lhe onde tinha deixado disse-me que tinha deixado dentro das sapatilhas.

4.4. Interação de “moradores de rua” com os não moradores de rua

Na análise da interação dos “moradores de rua” com os não moradores de rua constatei que existe entre os “moradores de rua” diversidade de comportamento. Esta diversidade é influenciada pela forma como os outros abordam-lhes, o tempo de estadia na rua, a afinidade existente entre os “moradores de rua” com os não moradores de rua e pelas particularidades de cada “morador de rua”, porque existem os que comportam-se como agressivos, os que simpatizam e os que são indiferentes. Esta diversidade de comportamento mostra que é problemático olhar para os “moradores de rua” como seres homogêneos.

Quanto aos que comportam-se como agressivos constatei, que alguns a agressão deles está ligada a forma como os não moradores de rua abordam-lhes.

A título de exemplo: Samuel de 12 anos de idade ficou chateado com a forma como Rock membro da comunidade Sant’Egidio abordou-lhe, pois este tratava-lhe como se fosse um “bebê”, pelas carícias que fazia-lhe no rosto e disse-lhe que do jeito que estava a pegar-lhe estava a aleijar-lhe. Não gostou também das perguntas, que fazia-lhe. Fez-lhe as seguintes perguntas: como se chama? Disse Samuel. Que idade tens? Disse 12 anos. Escola? Respondeu: que fez o quê. Chinelos? Respondeu que fizeram o quê?

O segundo exemplo da indiferença dos “moradores de rua” ao interagirem com os membros da comunidade Sant’Egidio também é causado pelos membros da comunidade Sant’Egidio. Notei esta indiferença, na quinta-feira, dia 31 de Agosto de 2012, quando estávamos no lugar onde descarregamos a comida do carro e nos organizamos para dividir a comida, consoante os locais

onde distribuimos. Enquanto combinávamos vi o Hélder chamei-lhe e veio ao nosso encontro, dizendo que queria ir connosco no *Tobias*, que é o local onde íamos distribuir a comida eu e outros membros da comunidade Sant'Egídio. Quando começamos a carregar os plásticos, ele num gesto de gentileza carregou um plástico, que deixou em segundos pelo facto dos outros membros da comunidade Sant'Egídioterem gritado para ele em coro, para que deixasse como se fosse um estranho. Fiquei com pena dele e disse-lhe, que não devia levar outro plástico, porque para o *Tobias* levávamos apenas um plástico, porque só residem poucas pessoas.

O que fez-me concluir que a indiferença dos “moradores de rua” com os membros da comunidade Sant'Egídio estava ligada a forma como os membros da comunidade Sant'Egídio abordam-lhes deve-se ao factode alguns “moradores de rua” manterem boas relações com os outros membros da comunidade Sant'Egídio.

A título de exemplo: Ângelo de 21 anos de idade, Fernando e Samuelambos de 23 anos de idade “moradores de rua”, mantêm uma relação de amizade com João um dos responsáveis da Comunidade Sant'Egídio, falam abertamente com ele e sentem-se a vontade ao lado dele. Percebi esta ligação uma vez que fui com o João no *Tobias* numa quinta-feira, distribuirmos a comida, no dia posterior a este teria um convívio, na Praça da Independência convidaram-no e disseram-no que tudo o que havia de querer consumir estaria na conta deles. Recorrem também a ele, quando ficam doentes para levá-los ao hospital e quando entram em conflitos com a polícia para ajuda-los a resolver os problemas.

Fora de João notei o bom relacionamento deles com Rodrigues, que dirige-se aos mesmos com muita abertura conversando, tranquilamente. Ao chegar cumprimenta a todos apertando-lhes as mãos e procura conversar com alguns em particular com o objectivo de saber mais sobre eles.

Alguns são abertos também comigo. A título de exemplo: Samuel de 12 anos de idade, Laila de 17 anos de idade e Fernando de 20 anos de idade, conversavam tranquilamente comigo e contavam-me o modo de vida que levavam na rua. Eis o exemplo que sustenta isso:

“Minha amiga aqui na rua vivo mal, a polícia me bate, me manda embora do Guilhica lá onde vivo aqui na rua, leva nossas coisas, o nosso dinheiro. É pá não aguento mais, quero ir para a minha casa lá em T3. Meu pai quando voltar da Suazilândia até vai me matricular na escola. Aqui talvez passarei a vir trabalhar, porque preciso de andar sempre com mola no bolso” (Samuel de 12 anos de idade).

“É pá gostosa a vida aqui na rua é difícil a polícia não gostam quando ando com meu namorado Arsénio, dizem que eu devia andar com eles, porque Arsénio é molwene e não tem casa. Mas minha amiga eu gosto do Arsénio e sei que ele gosta de mim, porque não se importa com o facto de eu ser puta. Agora que estou a falar prenderam Samuel mentiram para ele disseram que roubou a pasta de uma senhora”(Laila de 17 anos de idade).

“Mamã do jeito como vivo agora aqui no escuro posso dizer que estou bem, Porque tenho o meu quarto, minha cama e o meu quarto está longe dos quartos daqueles molwenes. O problema aqui é que não posso comprar televisor, nem rádio, porque esses molwenes podem roubar. No mês passado me roubaram uma caixa de cerveja. Por isso estou a guardar dinheiro para ver se consigo alugar um quarto e sair daqui. Mamã já sofreu muito aqui na rua já dormi nos passeios de Gungu, vivi no Tobias, eu fui um dos primeiros a viver lá e já vivi na Praça da Independência” (Fernando de 20 anos de idade).

Quanto aos que ocorre mudanças na forma de comportamento de acordo com o tempo de estadia na rua presenciei no Julinho de 16 anos de idade.

Julinho de 16 anos de idade começou a residir no *Escuro* em Outubro de 2011. Nos primeiros meses da sua estadia no *Escuro*, era muito simpático para connosco (membros da comunidade Sant’Egídio), quando chegávamos vinha ao nosso encontro ajudava-nos a distribuir comida aos outros, conversava connosco e só separava-se de nós, quando chegava o momento de irmo-nos embora. Mas nos últimos meses do ano 2012 passou a ser indiferente connosco. Por exemplo na quinta-feira, dia 09 de Setembro de 2012, estava a conversar com a Catarina, vi o Julinho, dirigi-me a ele, perguntei se ele não estava a ver-me, disse que tinha me visto, perguntei porque não tinha ido ao meu encontro disse que não tinha justificação. A Catarina também notou a

indiferença dele e questionou-lhe acerca da aparência física, disse-lhe que tinha mudado e que estava cheio de cicatrizes na cara.

Alguns “moradores de rua” ao se relacionarem com os não moradores de rua manipulam a identidade, quando desejam obter algum bem material.

Constatei isto da observação, que fiz ao João de 12 anos de idade. Estávamos sentados eu, ele e o Hélder em frente ao centro comercial Maputo Shopping. Antes de irmos nos sentar em frente ao centro comercial Maputo Shopping, João e Hélder estavam a pedir o dinheiro aos automobilistas e interromperam, quando pedi-lhes para conversarmos. João estava trajado de uma camiseta enquanto conversávamos tirou a camiseta e ficou com o casaco, que trazia por dentro. A camiseta deu ao Hélder para que fosse pedir as duas senhoras, que estavam a vender cana-doce para que segurassem para ele, que levaria depois de parar de pedir o dinheiro.

E constatei também quando se relacionam com os membros da comunidade Sant’Egidio. Alguns inventam que nos seus lugares de residência existem outros “moradores de rua”, que não vão ao local onde distribuímos a comida, por causa de doenças, alegando que querem um prato de comida para irem dar-lhes.

Outros fazem-se passar por outras pessoas, constatei numa quinta-feira a noite no Gaspar, que aquando da nossa chegada (membros da comunidade Sant’Egidio), estava trajado de um macacão branco, após ter recebido o seu prato de comida foi-se embora. Voltou de novo trajado de calções e camiseta alegando, que acabava de chegar e que era antes de receber o prato de comida.

A manipulação de identidade da parte dos moradores de rua confirma os argumentos de Goffman (2002), quando enuncia que os indivíduos manipulam a identidade, quando estão em interacção uns com os outros, principalmente quando estão na presença de pessoas estranhas, porque são capazes de moldar e modificar as suas acções. E cruza-se com os estudos de Cesne (1990), Shaw (2002) e Silva (1998), porque nos seus estudos mostram que alguns “moradores de rua”, quando interagem com os não moradores de rua manipulam a identidade como forma de satisfazer os seus interesses.

5. Considerações finais

No presente trabalho analisei a interação e as dinâmicas de ocupação de espaço entre os “moradores de rua” nas ruas da baixa da cidade de Maputo. Os “moradores de rua” são estigmatizados pelas instituições sociais e pela sociedade, pois consideram-nos como seres que desrespeitam as normas sociais.

No trabalho concluí que os “moradores de rua” como qualquer ser humano são seres interactivos entre si e com os outros. Bem como, constatei que não devemos olhar para os “moradores de rua” como grupos homogêneos, porque existe diversidades no que concerne ao comportamento, a maneira de vestir, as actividades realizadas, ao relacionamento entre eles e com os não moradores de rua. Existem também diversidades no que concerne aos lugares de residência e de realização das actividades, cuja escolha dos mesmos varia consoante as particularidades de cada “morador de rua”.

Ao observar a maneira de vestir dos “moradores de rua”, as actividades realizadas e o comportamento constatei que não são exclusivamente dos “moradores de rua”, pois existem os não moradores de rua, que representam-se da mesma forma.

Ao analisar os lugares de residência constatei que é problemático chamar a todos os ditos “moradores de rua” por “moradores de rua”, porque encontrei os que residem em lugares fechados e os que residem em lugares abertos. Mas não devemos chamar a nenhum dos grupos de “moradores de rua”, porque os que residem nos espaços abertos constroem suas casas e são fixos nestes lugares. Ambos os grupos olham para estes lugares como sendo suas casas e estão na rua de passagem ou desenvolvendo alguma actividade.

Referências bibliográficas

Araújo, M. 1998. “Espaço e Identidade”. in Serra (org.). 1998. *Identidade, Moçambicanidade, Moçambicanização*. Universidade Eduardo Mondlane: Livraria Universitária.

Asciutti, C. M. e Kishimoto. 2002. “Crianças e Adolescentes em Situação de Rua”. Volpe, M. 2002. “Crianças e Adolescentes- de Menores à Sujeitos políticos”. InMuller e Morelli (org.). 2002. *Crianças e Adolescentes: A arte de Sobreviver*. Maringá: Editora da Universidade Estácio de Maringá (UEM).

Benedict, R. 1986. *Padrões de Cultura*. Lisboa: Coleções Vida e Cultura.

Cardoso, C. F. 1998. “Repensando a Construção do Espaço”. *Revista de Historia Regional*3(1): 7-23.

Cesne, I. 1990. *Criança da Rua: Um Desafio*. República de Moçambique: Secretaria de Estado de Acção Social.

Cohn, C. 2005. *Antropologia da Criança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Dantas e Sá, V. U. 2005. “Rhythms of a Road, Voices of Ethnographer”. *African Cites Reader*.

Da Matta. R. 1997. *A Casa e a Rua: Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco.

Geertz, C. 1998. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC editora.

Goffman, E. 2002. *A Representação do Eu na Vida Quotidiana*. (10ª edição). Petrópolis: Vozes.

Goffman, E. 2004. *Estigma: Notas sobre a manipulação de identidade deteriorada*. SL:SE.

Mauluquela, E. A. 2005. *A Vida na Rua: Razões e Objectivos. Um estudo sobre as motivações das crianças na e da rua na cidade de Maputo*. Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de licenciatura em Sociologia. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane. (Acedido em Agosto de 2011).

Menezes, I. J. e Lourenço, A. J. 2000. *Relatório Final Sobre a Mendicidade em Moçambique*. Maputo: Ministério da Mulher e Acção Social.

Nova, S. V. 1989. “Estatística e Dinâmica Social” *Introdução à Sociologia*. São Paulo: Atlas.

Rivotti, A, 2007. *Estratégias de Sobrevivência e Existência na Cidade Nua*. Mestrado em Antropologia Urbana. Lisboa: Instituto Superior das Ciências do Trabalho e empresas. (Acedido em Agosto de 2011).

Rodrigues, E. V. etal. 1992. *A Pobreza e a Exclusão Social: Teorias, conceitos e políticas sociais em Portugal*. (Acedido em Julho de 2011).

Rosa, C. M. 2005. “Trajectória Social” *Vidas na Rua*. São Paulo: Hucitec.

Shaw, K. 2002. “Para uma Teoria Geral da Rua” *Shine a Light, a Rede Internacional para os Meninos de Rua*.

Silva, R. 1998. *Do Outro Lado do Espelho: Como construir o mito de bandido Sobre o Papel do bandido ou de herói um estudo comparativo do lugar de crianças, adolescentes e jovens nas ruas de Florianópolis (SC- Brasil) e Santa Fé (NM-EUA)*. Dissertação de mestrado em Antropologia Social programa de pós-graduação em Antropologia Social: Universidade Federal de Santa Catarina. Acedido em Agosto de 2011. Disponível em: <http://www.Ctldr.Org-BandidoHerói>.

Sixpence, A. B. 2010. *Crianças Vulneráveis em Moçambique: Um Olhar Sobre o Estigma na Permanência de Crianças que Vivem nas Ruas da Cidade de Maputo*. Monografia de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane.

Turner, J. H. 1999. “Interacção Social” *Sociologia: Conceitos e Aplicações*. São Paulo: MakronBooks.

Velho, G. 1981. “Observando o Familiar”. *Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar.

Volpi, M. 2002. “Crianças e Adolescentes de Menores a Sujeitos Políticos”. Muller e Morelli (org.). 2002. In *Crianças e Adolescentes: A Arte de Sobreviver*. Maringá: Eduem.

Anexos

Anexo: guião de entrevista para os “moradores de rua”

Nome

o se chama?

Que idade tem?

Residência

Onde reside?

Há quanto tempo reside aqui?

O que significa estar aqui para si?

O que levou-lhe a residir aqui?

Qual é o seu relacionamento com as pessoas que residem neste lugar?

Actividades

Qual é a actividade que realiza?

O que levou-lhe a optar por realizar esta actividade?

Onde realiza esta actividade?

O que levou-lhe a optar por este lugar?

Como se relaciona com as pessoas que também realizam esta actividade?

Relacionamento dos “moradores de rua” com os não moradores de rua

Como se relacionam com os não moradores de rua?

Nesta parte centrei-me mais na observação. Observei a forma como os “moradores de rua” se relacionavam com os não moradores de rua, principalmente no que concerne a forma como os outros abordavam-lhes e como estes retribuíam.

Organização social dos “moradores de rua”

Como vocês se relacionam?

No relacionamento dos “moradores de rua” entre eles centrei-me mais na observação. Observei-lhes quando se encontravam em grupos, o que eles faziam e como faziam.

Maneira de vestir

Baseei-me mais na observação.